

# ESPIRITUALIDADE-FILOSOFIA-POESIA EM “TEMPO DE INDIGÊNCIA”

Patrícia Calvário

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto.  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto  
(351) 226 077 100 | [ifilosofia@letras.up.pt](mailto:ifilosofia@letras.up.pt)

Resumo: Nesta modesta exposição pensa-se a poesia e a filosofia como *ancillae Dei*, no âmbito da poesia de António Barahona. Filosofia e poesia não são tratadas como antagónicas ou estando em guerra, como diria Platão<sup>1</sup>, mas enquanto dois dizeres ao serviço do divino ou ainda, dito de outro modo, ao mesmo tempo mistagógicas e reveladoras do divino.

Palavras-chave: António Barahona, divino, poesia-filosofia.

Abstract: This simple and incipient presentation is an approach to poetry and philosophy as *ancillae Dei*, in the context of the poetry of António Barahona. Philosophy and poetry are not approached as antagonists or in war, as Plato would say, but as two ways of saying in the service of the divine or simultaneously being mystagogical and revealing the divine.

Key-words: António Barahona, divine, poetry-philosophy.

---

<sup>1</sup> *República* 607b5–6, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1993, pp. 472-473.

A natureza mistagógica da poesia, isto é, condutora dos homens ao divino, foi muito bem mostrada por Heidegger no seu belo opúsculo *Para quê poetas?*<sup>2</sup>. Neste texto Heidegger afirma que o poeta é aquele que diz o sagrado. No tempo da indignação, o tempo em que o ser humano deixou de levantar as mãos para o céu em busca de auxílio, pois já nem sequer sabe que necessita de auxílio, o tempo em que o ser humano já *nem é capaz de notar que a falta de Deus é uma falta*, o poeta é aquele que indica o caminho de regresso às questões essenciais e, por conseguinte, ao divino<sup>3</sup>.

António Barahona incarna perfeitamente esta concepção que toma a poesia e o poeta como intermediários entre o divino e o humano. Ao mesmo tempo poeta, *tecedor de filosofemas* e místico sufi: «Penso com o coração/e teço com linha de coser/filosofemas/teoremas/e poemas»<sup>4</sup>. Com filosofema quer Barahona dizer o poema filosófico.

Antes de prosseguirmos quero apresentar brevemente o poeta António Barahona. Nascido a 17 de Janeiro de 1939 em Lisboa. Integrou o grupo de admiradores do surrealismo que se reunia no Café Gelo, do qual faziam parte nomes como Mário Cesariny, Ernesto Sampaio, Herberto Helder *et alia*. Ao Café Gelo dedica Barahona um dos seus poemas intitulado precisamente «Memória do Café Gelo»<sup>5</sup>. Estudou sânscrito na Índia e viveu alguns anos em Moçambique. Convertido ao Islamismo assume o nome Muhammad Abdur Rashid Ashraf. O seu caminho espiritual desenvolve-se dentro da tradição sufi. É autor de várias obras de poesia, entre as quais destaco as mais recentes<sup>6</sup> *O Sentido da Vida é Só Cantar* (Assírio & Alvim,

---

<sup>2</sup> «Wozu Dichter?» (1950), in *Holzwege* (Gesamtausgabe 5, 1977 Frankfurt: Klostermann).

<sup>3</sup> Cfr. Heidegger, «Para quê poetas?», in *Caminhos de Floresta*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 309, 312.

<sup>4</sup> «Pensamento e tecelagem» in *Raspar o fundo da gaveta e enfunar uma gávea*, Averno, Lisboa 2011, p. 36.

<sup>5</sup> «No Café Gelo, um grupo de poetas/demanda o elixir de vida curta,/de longa morte lenta e absoluta/e sílabas secretas.//Mesas de mármore, cadeiras sépia;/eis um café à beira do abismo:/conversas incendidas, sismo a sismo,/no desabar da época.//Revolta, ódio, fome, febre atroz:/no riso pode haver isto e tristeza/e grande amor do sonho, e da beleza/a que o grupo dá voz.//Não morreu este grupo: é perene/seu eco que deixou alto-relevo/numa parede-mestra, aonde subo/a pulso e tão solene!//De cima da parede espreito e vejo/uma mesa ocupada por nós todos:/assembleia de pássaros ignotos/em ilhas de desejo.//Vejo o corpo de glória de Lisboa/reclinado no ombro do Ernesto/para ler bem o seu ensaio honesto/dedicado a Pessoa. //Vejo o Herberto a discutir mui louco/com o Gonçalo Duarte e o D'Assumpção;/o Forte tem o coração na mão/esquerda e fala pouco.//Vejo o perfil do Saldanha da Gama,/o Vergílio em tríptico esboçado,/Raul Leal, d'Orpheu, Henoch irado/com lucidez de flama.//Vejo um adolescente que sou eu/e que aspirava tanto a morrer jovem,/sentado, entre nós outros, quase à margem/numa fresta de céu [...].»

<sup>6</sup> Outras obras: Poesia: *Insónias e estátuas* (edição do autor, 1961), *Pátria Minha* (Guimarães editores, 1980; reeditado Averno, 2014), *Rizoma* (Guimarães editores, 1983), *Livros da Índia* (Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984), *Viajante Oxalá* (Guimarães editores, 1984), *Rosas Brancas e*

2008), *O Som do Sôpro* (com retrato do autor por Mário Cesariny, Poesia Incompleta, 2011), *Raspar o Fundo à Gaveta e Enfunar uma Gávea* (prémio nacional de poesia Diógenes, Averno, 2011), *Maçãs de Espelho* (Língua Morta, 2012), *As Grandes Ondas* (Averno, 2014), *Suma Poética*, primeiro Tomo: Pássaro-Lyra (Averno, 2015). Como podemos confirmar pela vastidão numérica de obras e pela sua abrangência temática, além das traduções, não é temerário afirmar que António Barahona é uma das mais importantes figuras do panorama cultural e literário português. O seu estilo discreto e humilde impedem que sobre si brilhem as luzes da *gloria mundi*. Penso que não trairei o pensamento do poeta se afirmar que pretende ele antes que todos os olhares se voltem para *Allah*.

A par com o anúncio do divino aos homens o poeta também anuncia à humanidade que é *capax Dei* e que será até mesmo divinizada. As palavras de *Génesis* 3, 9: «Lembra-te que és pó e ao pó hás-de voltar», que marcam o início da grande penitência quaresmal, portanto tempo de ascese e que na época medieval marcavam o início do exílio do pecador por locais ermos para se penitenciar até nova admissão na igreja na quinta-feira santa, transformam-se em Barahona em «Lembra-te, homem, de que és pó e que em luz te hás-de tornar»<sup>7</sup>. É preciso relembrar constantemente à humanidade a sua origem divina para que a sua verdadeira natureza se concretize. O problema é que a humanidade deseja pouco e contenta-se ainda com menos. É por isso necessário desaloja-la para que se ponha a caminho, para que percorra o grande tempo do Ramadão, para enfim se transformar em luz.

O poeta é necessário em todos os tempos e ainda mais em tempos de indigência predominadas pela linguagem da técnica. Face à descrição asséptica do mundo realizada pela linguagem da técnica, a voz do poeta levanta-se para o encantar de novo e mostrá-lo na sua profundidade metafísica e revelar todas as suas tonalidades, ambiguidades e riqueza hermenêutica.

---

*Vermelhas* (Ajuda à Igreja que Sofre, 2000), *Via Crucis (Rito de Expressão da Via Sacra)* (Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, 2003). Tradução/transcrição: *Poema do Senhor, Bhagavad-Guitá* (Relógio d'Água, 1996; 2ª ed. Assírio & Alvim, 2007), *Upanixad da Grande Floresta, Brihad-Áranyaka Upanixad* (Publicações Maitreya, 2015). Ensaios: *Unidade e Filosofia do Sufismo* (1994), *Guerra Santa no Islame* (1994) e *Orthographia* (2015). Esta lista de obras não é de nenhuma maneira exaustiva. Para a totalidade das obras do autor veja-se o primeiro tomo da *Suma poética*, Averno, Lisboa 2015.

<sup>7</sup> «Paísagens e revelação» in *Raspar o fundo da gaveta e enfunar uma gávea*, p. 43.

António Barahona mostra na sua poesia a tensão permanente entre um objectivo escatológico que é preciso cumprir através da prática religiosa assídua<sup>8</sup>, ultrapassando e ao mesmo tempo convivendo com a dúvida e a evidência da temporalidade. Estes três elementos perpassam grande parte da sua obra. Um outro elemento que à primeira vista poderá parecer estrangeiro é o feminino, a mulher. No entanto, também a mulher é integrada na demanda do poeta pelo divino; também à mulher é atribuído um papel teológico. É através da mulher amada que, de modo especial, Deus se revela. No fundo a busca da Mulher representa a busca do divino ou a tentativa de preencher o vazio que só o divino pode preencher e ainda transbordar: «Espero-te, Mulher de todas as horas,/com o destino no dedo indicador/que aponta a flor da Amendoeira [...] /Espero-te para esperar contigo/o dia da Ressurreição/Espero-te para subir contigo à montanha de Qaf/a cavalo num cubo, finalmente dentro de casa/em família com os Santos. Lembro que a amendoeira é uma árvore que floresce em pleno inverno, por isso sinal anunciador de bons acontecimentos.

Barahona mostra, nos seus filosofemas, a multiplicidade e pluralidade de formas do mundo. E no meio desta variedade de expressões e manifestações do humano, no meio do torvelinho, do turbilhão, da azáfama das cidades, ou da tranquilidade de um meio rural, surge o imutável, Aquele que está: Deus. O sempre presente mesmo quando se sente ausente: «Quando sei que me distraio de Ti/é em Ti que fico a distrair-me/Mas quando não sei que me distraio de Ti/é ainda em ti que fico a distrair-me sem o saber»<sup>9</sup>.

É Deus, ou melhor, a permanente recordação de Deus, que impede o ser humano de se perder no meio da pluralidade das formas do mundo. É a inquietação, pois é ela que faz com que se avance em direcção a Deus, que desaloja do mundo e arrasta para o “céu”, que faz calcar a dúvida e com ela construir uma escada até à nuvem onde habita Deus.

Nos poemas mais recentes de Barahona está dolorosamente presente a questão da temporalidade e da finitude. O homem envelhecido percebe com uma nitidez atroz

---

<sup>8</sup> «Hoje acordei quase ao nascer do sol./Perdi, portanto, a oração na mesquita,/quando ainda é de noite e, nas ruas,/só se vêem raros vultos apressados/de boémios, putas e homens religiosos». «Aventura sacra» in *O som do sópro*, Poesia incompleta, Lisboa 2011, p. 30.

«A voz do *mu'addhin* chama: tens dois minutos [...] Corres para *wuzu*:/lavas as mãos/a boca/as narinas/a cara/o braço direito/e o braço esquerdo – três vezes/Deslizas as mãos molhadas por entre os cabelos/limpas os ouvidos/refrescas as meninges/e, finalmente, lavas os pés – três vezes [...]. «Caminho curto», in *O sentido da vida é só cantar*, Assírio & Alvim, Lisboa 2008, p. 81.

<sup>9</sup> *O sentido da vida é só cantar*, p. 20.

que é finito, que lhe restam poucos anos de vida e com igual nitidez atroz percebe que pouco avançou nas vias da sabedoria. «Setenta anos. Quase nenhuma ciência [...]//Já não sobeja tempo pra brincar»<sup>10</sup>. É então que a dúvida ataca com mais força, mas com igual força o poeta apruma-se no zêlo religioso<sup>11</sup>.

Por outro lado, na velhice o homem conhece-se melhor e resolutamente caminha pela via<sup>12</sup> do espírito, pois «agora não há tempo para parar»<sup>13</sup>. Um eco de Sto. Agostinho ressoa nos versos: «tinha saudades de mim e procurava-me»<sup>14</sup>. «Noverim te, noverim me»<sup>15</sup>: que eu te conheça, que eu me conheça. No fundo, conhecer Deus e conhecer-se são um mesmo movimento. É fácil perder-se nos labirintos interiores quando não há um “fio de ariadne” que ajude a encontrar o exterior. A tradição sufi aconselha o regresso a si mesmo, mas a par deste recolhimento em si anda o risco da perda nos meandros interiores. Como diz um outro poeta «Perdi-me dentro de mim/Porque eu era labirinto»<sup>16</sup>. Ou, nas palavras de Santo Agostinho, «Ab exterioribus ad interiora, ab inferioribus ad superiora», o que quer dizer que é preciso transcender o *inferioribus*, aqui equivalente a *interioribus*, ou, ainda, que o recolhimento é apenas a segunda fase do processo de união com Deus, sendo a terceira etapa, a partir da interioridade ascender ao que está na alma, mas que lhe é superior, a Deus. Caso contrário em vez de escada, a interioridade torna-se labirinto. O fio que impede a perda na interioridade e que conduz seguramente ao coração, onde Deus habita, é, para Barahona, o Alcorão: «Só a total entrega ao Alcorão/com ciência sacral na voz devota/nos leva pela estrada em linha curta/até ao coração»<sup>17</sup>. A descida ao coração equivale a uma verdadeira descida aos infernos. À medida que se avança vai-se encontrando em toda a sua crueza as máscaras que ocultam o homem interior, isto é, o eu-pecado e fealdade. Nisto consiste a Grande Guerra Santa: o combate interior<sup>18</sup>.

---

<sup>10</sup> «Setenta anos», in *O som do sôpro*, pp. 42-43.

<sup>11</sup> «Duá subitamente os setenta anos:/Que Deus nos dê a fé,/a certeza e o equilíbrio, Amin./Que Deus nos dê alma pra rezar/cinco vezes por dia, Amin./Que Deus nos dê força na vêrga, Amin./Que Deus nos dê uma morte serena/sem mêdo do inferno, nem ânsia do paraíso,/mas apenas com vontade de fechar os olhos/e d’escutar *Ya-Sin*, Amin». «Setenta anos» in *O som do sôpro*, pp. 45-46.

<sup>12</sup> Cfr. «Nuur», in *O som do sôpro*, p. 41.

<sup>13</sup> «Nuur», in *O som do sôpro*, p. 39.

<sup>14</sup> *O sentido da vida é só cantar*, p. 31.

<sup>15</sup> Sto. Agostinho, *Solilóquios*, Livro II, cap. I, 1.

<sup>16</sup> Mário Sá-Carneiro, *Dispersão*.

<sup>17</sup> «Prêgações na mesquita do Rossio», in *O som do sôpro*, p. 32.

<sup>18</sup> «Eis um homem que canta/a Grande Guerra Santa//pregador que demanda/no som da profecia,/prosódia que liberta:/sábio de sã loucura,/resoluto pla via/recta, levada a peito,/na pura melodia/do Alcorão perfeito». «Nuur» in *O som do sôpro*, p. 41.

Depois os opostos serão superados. À semelhança de Deus onde os opostos se conciliam, como os místicos do oriente cristão referem, veja-se por exemplo Dionísio Areopagita, refere Barahona que também os Santos, e apenas eles podem experimentar o que a uma primeira vista pode parecer contraditório, como a tristeza e a alegria, porque estão de tal forma identificados com Deus, que vivem na Sua Paz. Nem ao teólogo por si só nem ao filósofo que não é teólogo por si só é dado experimentar esta paz de certa forma atemporal<sup>19</sup>. Barahona consegue misturar de forma bela e elegante elementos que parecem a uma primeira vista profanos com elementos sagrados. Assim é possível encontrar num mesmo poema uma prece onde pede fé, mas também pede força no membro sexual (vêrga)<sup>20</sup>.

### **Concluindo,**

António Barahona usa a poesia para expressar a sua experiência filosófico- espiritual. Só aquele que trilhou as vias do espírito está em condições de servir de algum modo de guia (tácito) nestas mesmas vias. A poesia e a filosofia têm a potencialidade de unir o céu à terra. Deste modo o poeta e o filósofo ou o filósofo-poeta é um *pontifex* e um indicador do caminho que conduz ao essencial. Não é para isso necessário abandonar o mundo. Antes, é preciso ficar no meio do mundo, que significa aqui a pluralidade de formas, assumindo o múltiplo, mas através dele encontrar um ponto de fuga para Deus. «O poeta/é um asceta/que renuncia ao oiro do mundo/mas não aos frutos da Terra»<sup>21</sup>. Tudo pode ser pretexto para conduzir ao divino, seja a mulher, a sexualidade, o vinho ou a oração.

Para isso é necessário que existam poetas para, com o seu olhar metafísico, reconduzir esses elementos à harmonia dos opostos que só em Deus e naqueles que Nele se transformam se pode concretizar.

---

<sup>19</sup> «Só os Santos são homens tristes e alegres/simultaneamente/já não distinguem a tristeza da alegria/e esperam, na Paz do Senhor, sem nada esperar/porque o tempo já foi e a eternidade não tem tempo a perder». In *O sentido da vida é só cantar*, p. 32.

<sup>20</sup> Cfr. «Setenta anos», in *O som do sôpro*, p. 45.

<sup>21</sup> «Grande tributo de sangue», in *O som do sôpro*, p. 24.